



*VARIAÇÃO LINGUÍSTICA*

MÓDULO 2

CAPÍTULO 2

PÁGINA 27 à 30

Prof<sup>a</sup>. Simone Müller

Encontre o “elemento estranho”, de acordo com o contexto, nas fotos abaixo.



©Shutterstock/Steve bruckmann

Surfando na praia....



©Shutterstock/Suncity

Fazendo exercícios...

Agora, veja o que o professor e linguista, Sírío Possenti, escreve sobre variação linguística.

*Uma das comparações que os estudiosos de variação linguística mais gostam de utilizar é a da língua com a vestimenta. Esta, como sabemos, é bastante variada, indo da mais formal (longo e smoking) à mais informal (biquíni e sunga ou camisola e pijama). A ideia dos que fazem essa comparação é a seguinte: não existem, a rigor, formas linguísticas erradas, existem formas linguísticas inadequadas. Como as roupas: assim como ninguém vai à praia de smoking ou de longo, também ninguém casa de biquíni ou de sunga, ou de camisola e de pijama (sem negar que estas sejam vestimentas, e adequadas!), assim ninguém diz “me dá esse troço aí” num banquete público e formal nem “faça-me o obséquio de passar-me o sal” numa situação de intimidade familiar.*

POSSENTI, Sírío. *A cor da língua e outras crônicas de linguista*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001. p. 111.

1. Você percebeu a relação entre as imagens e o texto de Sírio Possenti?
2. Em que contexto social a fantasia seria um traje mais adequado?
3. E sapato de salto?
4. Sendo assim, explique a afirmação apresentada pelo autor

*“não existem, a rigor, formas linguísticas erradas,  
existem formas linguísticas inadequadas.”*

Agora, leia este outro trecho de uma obra de Marcos Bagno.

*Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, na concepção científica da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e entregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.*

*Está provado e comprovado que uma criança de 5-6 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua! Ela tem todos os recursos necessários para se exprimir, para narrar fatos ocorridos no passado, para fazer projeções no futuro, para demonstrar afetividade, para situar o seu discurso nos eventos de interação. O que ela não conhece são sutilezas, sofisticações e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar. [...]*

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 51,52.

6. Você concorda com o autor, quando ele afirma que uma criança de 5-6 anos conhece o funcionamento da sua língua nativa? Justifique sua resposta.
7. Segundo o autor, o que seriam as “*sutilezas, sofisticacões e irregularidades*” das regras?

Olhe o que eu trouxe pra você usar!!!

Obrigado pela “trazida”!



©Shutterstock/Maxbelchenko

Leia mais este trecho de Marcos Bagno.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Um exemplo. Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação do l em r nos encontros consonantais como em *Cráudia*, *chicrete*, *praça*, *broco*, *pranta* é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português, mas simplesmente de um fenômeno fonético que contribui para a formação da própria norma-padrão da língua portuguesa. [...]



NORMA-PADRÃO	ETIMOLOGIA	ORIGEM
branco	blank	germânico
cravo	clavu	latim
fraco	flaccu	latim
[...]		

Como é fácil perceber, todas as palavras listadas acima tinham, na sua origem, um L bem nítido que se transformou em R. E agora? Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem Cráudia, chicrete e pranta têm algum “defeito” ou “atraso mental”, seríamos forçados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa estava se formando. E que o grande Luís de Camões também sofria desse mesmo mal, já que ele escreveu ingrês, pubricar, pranta, frauta, frecha na obra que é considerada até hoje o maior monumento literário do português clássico, o poema Os Lusíadas (1572). E isso, é claro, seria no mínimo absurdo.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 56-58.

8. O que você entende por “preconceito linguístico”?

9. De acordo com o autor, “as pessoas que dizem Cráudia, chicrete e pranta”

- falam a língua portuguesa? Justifique.
- têm algum problema ou “defeito mental”? Justifique.
- falam a variedade de prestígio ou outra?
- se falam uma das variedades da língua, falam errado? Justifique.
- sofrem preconceito linguístico. Por quê?

10. Escreva, em um parágrafo, como você entende

- VARIEDADE LINGUÍSTICA
- NOÇÃO DE ERRO EM LÍNGUA PORTUGUESA
- PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Para você ampliar seu repertório sobre o tema de hoje...

**Preconceito linguístico como preconceito social**

**Marcos Bagno - PNAIC UFSCAR Entrevistas**

<https://www.youtube.com/watch?v=UbdSNWv9XDQ>

**Dialeto Nordestino - Uma resposta ao preconceito**

<https://www.youtube.com/watch?v=npErliDE1xg>

**Ataliba Teixeira de Castilho - Quando se trata de português falado,  
não existe certo e errado**

<https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

**Linguista Ataliba T. de Castilho no Programa do Jô**

<https://www.youtube.com/watch?v=l2wLaVQz0sQ>